



História, fotografia e paisagens culturais: representações visuais do urbano nas imagens da *Revista do Globo*

Cláudio de Sá Machado Júnior*

Resumo: O presente trabalho propõe a apresentação e análise de fotografias do periódico sul-rio-grandense *Revista do Globo*, concernente à visibilidade dada a paisagens culturais no Rio Grande do Sul, durante a década de 1930. Destaca-se a categoria das paisagens culturais intencionalmente concebidas e criadas, cujas representações fotográficas permitiram a revalorização social de ambientes naturais, incluindo-os no rol de conteúdos que compuseram a cultura visual do supracitado período histórico. As paisagens de jardins e parques enquadrados pelas lentes fotográficas, cujo produto se fez publicado nas páginas da *Revista do Globo*, não podem ser consideradas, nos meandros de sua criação, apenas em suas circunstâncias estéticas. Há também de se considerar os elementos culturais que definiram os limites da esfera do visível e que se inscrevem tanto nas formas de representação da urbe, vivenciada no cotidiano, quanto na sua representação visual, caracterizada por dispositivos que, com o passar dos anos, contribuíram para a constituição da própria memória coletiva. Nos termos de uma perspectiva histórica da paisagem cultural, o estudo colabora para uma reflexão mais apurada não somente sobre as formas de representação de bens culturais conjugados entre o homem e a natureza, mas também para a percepção sobre a elaboração de narrativas, usos e funções que a sociedade fez destas paisagens, registradas, por sua vez, em vestígios visuais.

Palavras-chave: Fotografia; História; Paisagem cultural; Revista do Globo.

Resumen: En este trabajo se propone una presentación y análisis de fotografías de la gaucha *Revista do Globo* en relación con la visibilidad dada a los paisajes culturales en Rio Grande do Sul, durante la década de 1930. Destaca la categoría de paisajes culturales diseñados y creados intencionalmente, cuya representación fotográfica permite la rehabilitación social de los ambientes naturales, su inclusión en la lista de contenido que compone la cultura visual de la época histórica mencionada. Los paisajes de los parques y jardines enmarcados por lentes fotográficos cuyo producto se convirtió publicado en las páginas de la *Revista do Globo*, no

* Doutor em História. Professor Adjunto do Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação (DTFE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), linha de pesquisa em História e Historiografia da Educação, na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Contato: claudiojunior@ufpr.br.



poden ser considerados en los entresijos de su creación, sólo en sus condiciones estéticas. También están considerando los elementos culturales que definen los límites de la esfera de lo visible e inscribirse en ambas formas de representación de la ciudad, con experiencia en la vida cotidiana y en su representación visual, caracterizada por dispositivos que, a lo largo de los años, han contribuido para formar su propia memoria colectiva. En términos de una perspectiva histórica del paisaje cultural, el estudio contribuye a una mayor precisión no sólo en las formas de representación de los conjugados culturales entre el hombre y la naturaleza, sino también a la percepción del desarrollo de narrativas, usos y funciones la sociedad hizo estos paisajes, registrado, a su vez, en los rastros visuales.

Palabras clave: Fotografía; Historia; Paisaje cultural; Revista do Globo.

Sobre a *Revista do Globo* e a fotografia

A *Revista do Globo* caracterizou-se como um dos mais importantes periódicos de variedades no sul do país, sendo fundada em 1929. Com sede em Porto Alegre, estendeu suas atividades até o ano de 1967. Através do conteúdo fotográfico publicado na primeira década de sua circulação percebe-se a contribuição da revista para a construção de um sentimento de modernidade, compartilhado entre os segmentos supostamente mais abastados da sociedade. Além dos signos que envolviam a representação dos indivíduos, caracterizando sociabilidades fotográficas, houve também as representações visuais da cidade, nas quais se inserem os empreendimentos concretos de remodelação do espaço urbano, tornando áreas específicas da cidade em elementos referenciais ao amplo projeto de modernização.

Os espaços urbanos, por excelência, também se constituíram em possibilidades tipológicas de fotografias presentes no conteúdo da *Revista do Globo*. Consideram-se, assim, as representações visuais sobre o Rio Grande do Sul, lembrando que o periódico também publicava fotografias de outras regiões do Brasil e do mundo. Neste contexto, Porto Alegre foi a cidade privilegiada no enquadramento, sendo ela a capital do estado, centro de efervescência de eventos sociais e, por sua vez, sede da própria redação da revista. Vale a pena também lembrar que a noção de modernidade urbana desenvolveu-se paralelamente à tecnologia desenvolvida pela fotografia moderna. Desta forma, as modificações da qualidade de imagens marcaram o registro da transformação do espaço urbano das cidades, confundindo, desta forma, a própria modernidade do século XX com a velocidade de apreensão de imagens, bem como a comodidade técnica proporcionada pelos produtos oriundos do meio industrial.



Não se caracteriza como intenção desta comunicação a realização de uma análise sobre as representações propriamente ditas da cidade, pois outros já o fizeram com grande propriedade, inclusive sobre Porto Alegre. Por exemplo, Zita Rosane Possamai (2005, p. 94-95), em *Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930*, menciona a contribuição da *Revista do Globo*, entre outras, que “dedicava considerável espaço às transformações urbanas, fornecendo informações detalhadas sobre as obras em andamento, bem como aquelas ainda por vir”, realizando generosos comentários nos textos que acompanhavam as fotografias. Neste caso, o periódico serviu como instrumento de informação que contribuiu para a difusão de uma ideia de progresso, mesmo quando este não se fazia sentir no dia a dia da cidade, e especialmente em localidades que não tiveram o mesmo processo de urbanização da capital. A proximidade entre fotografia e cidade também é lembrada por Guy Bellavance (1997, p. 17), em artigo publicado nos *Cadernos de Antropologia e Imagem*, conforme trecho a seguir.

A relação da fotografia com a cidade resulta de uma convergência latente, ela é o elo de uma mesma modernidade. Da tradição mais estrita, foto-documentária, ao movimento conceptualista atual, passando por certas tensões construtivista- surrealistas que estruturam as primeiras vanguardas, existe, entre a fotografia e a cidade, qualquer coisa como uma mentalidade em comum, moderna e que ultrapassa as clivagens estéticas. Um tipo de reciprocidade, uma equivalência que as destina a se reencontrarem e que as impede de se evitarem.

É interessante verificar a escolha fotográfica, algumas vezes em menor grau, por temáticas que dizem respeito à cidade, mas que não necessariamente estejam relacionadas com a representação urbana. Essas temáticas puderam ser descritas em trabalho específico (MACHADO JÚNIOR, 2011), descritas a partir das seguintes categorias: *As cidades em processo de modernização constante*, *Urbanidades e profissões delimitadas e hierarquizadas*, *A “marcha” ao leste em busca de sol e mar* e *Um pampa de tradições e raízes pouco visíveis*. Essas categorias tipológicas sugerem a verificação das representações mais tradicionais da modernidade urbana da época, assim como a busca dos espaços de desenvolvimento do trabalho, ponto fundamental para a manutenção do capitalismo e do desenvolvimento econômico. Mas também busca as representações às avessas, ou não vinculadas ao processo desenfreado de construções em concreto, ou mesmo marcadas pela ausência de uma cultura urbana propriamente dita, como no caso específico da tradição folclórica existente em torno das origens da sociedade sul-rio-grandense.



Visibilidade da modernização urbana

A palavra “modernização”, em suas diversas variantes, está presente em muitas das fotografias que tratam sobre as cidades na *Revista do Globo* durante a década de 1930. E como toda capital, com sentimento cosmopolita difundido, Porto Alegre foi, à época, a cidade de referência desta modernização entre as demais do Rio Grande do Sul. É interessante observar que, algumas vezes, Porto Alegre foi comparada com a norte-americana Nova Iorque, na época ainda em processo intenso de remodelação do espaço urbano. No entanto, as reformas no contraponto entre a cidade estadunidense e a sul-rio-grandense ocorriam em proporções bem diferentes. Merece destaque o parâmetro criado para uma grande “civilização”, termo também constantemente empregado, assim como “progresso”, que remete a um processo de modernização sintetizado na construção de grandes edifícios e a demolição de uma arquitetura que remeta ao passado, no caso brasileiro, colonial.

Sob o título de *O avanço da civilização*, a revista publicou em dezembro de 1929, na edição 23, uma fotografia daquela que seria a maior ponte do mundo na época, em Newport News, na Virgínia, Estados Unidos, colocando à esquerda e à direita da imagem fotografias da construção do viaduto da Rua Duque de Caxias, no centro de Porto Alegre. O viaduto da Borges de Medeiros, como também ficou conhecido, foi considerado, entre outras adjetivações, “uma das obras de aformoseamento para o maior progresso de Porto Alegre” (REVISTA DO GLOBO, 22/2/1930, p. 43). Sem estabelecer comparações diretas no que tange a elaboração da comunicação verbal, as imagens se fazem entender muito bem como signos da modernidade, mas em diferentes circunstâncias. Constantes eram, em outras edições, as fotografias dos chamados “arranha-céus” nova-iorquinos, caracterizado como uma “febre das alturas”, sentimento vertiginoso também cultuado para o planejamento urbano porto-alegrense, segundo o que pode ser percebido nas páginas da revista.

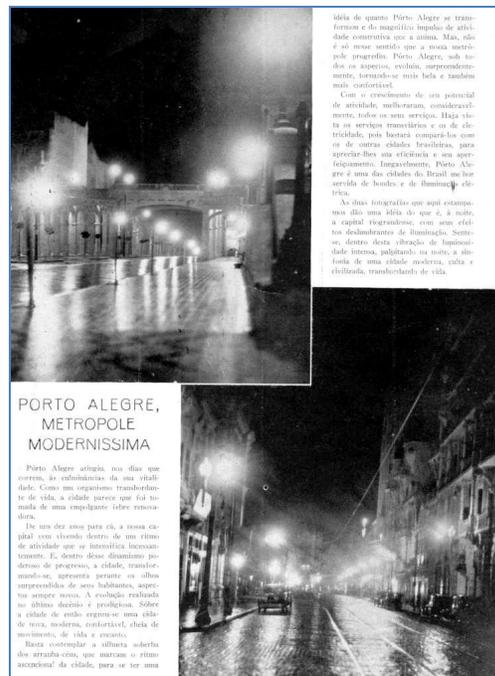
A cidade de Porto Alegre ganhou destaque com a instalação, gradativa, da iluminação noturna. No que tange a fotografia, a eletricidade possibilitou a apreensão de imagens da cidade à noite, o que somente era possível de ser realizado em ambientes fechados e com boa iluminação. Percebe-se pelas fotografias do periódico que, ao longo da década de 1930, há um aumento das imagens que multiplicam a visualidade da cidade noturna. Em publicidade, a *Companhia Energia Elétrica Rio-grandense* convocou os comerciantes da cidade a investirem na iluminação da vitrine de seus estabelecimentos, pois “em todos os lugares de certa importância em que o comércio adiantado adote a moderna propaganda como um grande meio



de promover o aumento dos negócios” (Id., 15/3/1930, p. 50), percebeu-se a necessidade de se cultivar os hábitos noturnos, disponibilizando o comércio para a população da cidade em horários ampliados. Na ocasião da publicidade, faz-se menção à cidade paulista de Campinas, que já adotava a iluminação comercial noturna. Ao longo da década de 1930, as imagens noturnas da cidade de Porto Alegre foram ganhando espaço entre as fotografias presentes nas páginas da revista.

A capital sul-rio-grandense deixava gradativamente para trás o título de “cidade escura”, como sugeriam algumas legendas que acompanhavam fotografias do periódico (conf. figuras 1 e 2). A comparação entre passado e presente, entendendo este tempo presente como uma representação imediata do futuro à época, manifestava-se visualmente com a justaposição de fotografias de Porto Alegre da década de 1930 com a cidade de outros tempos.

Figuras 1 e 2 – Fotografias demonstravam imagens de uma Porto Alegre moderna



REVISTA DO GLOBO. Porto Alegre, n. 66, jul. 1931¹; n. 259, set. 1939².

Figuras 3 e 4 – Cidades da região metropolitana e interior foram contempladas com o adjetivo “moderno”

¹ Texto: “O progresso de Porto Alegre. A larga iluminação elétrica de uma cidade é o sinal mais evidente de progresso, de elevação cultural de um povo, porque demonstra um adiantado estado de civilização. Porto Alegre, há bem poucos annos, uma cidade sem iluminação eficiente, merecia muito bem o nome de ‘cidade escura’. Nos logradouros públicos, fora dos centros comerciais, reinava absoluta escuridão e os seus múltiplos inconvenientes faziam-se sentir a cada passo. Para provarmos que, hoje, Porto Alegre transformou radicalmente o seu aspecto noturno, estampamos nesta página três lindas fotografias noturnas, magnificamente apanhadas pelo amator, Sr. Alfred Reimer, nos reservatórios hidráulicos da Municipalidade (Prefeitura). O capital americano, invertido nas Companhias Brasileiras de Força Elétrica, contribuiu, pois, grandemente, para o embelezamento de nossa Capital, além de uma completa reforma no serviço tranviário e no de fornecimento de força às nossas indústrias”.

² Texto: “Porto Alegre, metrópole moderníssima. Porto Alegre atingiu nos dias que correm, às culminâncias da sua vitalidade. Como um organismo transbordante de vida, a cidade parece que foi tomada de uma empolgante febre renovadora. De uns dez annos para cá, a nossa capital vem vivendo dentro de um ritmo de atividade que se intensifica incessantemente. E, dentro desse dinamismo poderoso de progresso, a cidade, transformando-se, apresenta perante os olhos surpreendidos de seus habitantes aspectos sempre novos. A evolução realizada no último decênio é prodigiosa. Sobre a cidade de então ergueu-se uma cidade nova, moderna , confortável, cheia de movimento, de vida e encanto. Basta contemplar a silhueta soberba dos arranha-céus que marcam o ritmo ascensional da cidade para se ter uma ideia do quanto Porto Alegre se transformou e do magnifico impulso de atividade construtiva que a anima. Mas não é só nesse sentido que a nossa metrópole progride. Porto Alegre, sob todos os aspectos, evoluiu surpreendentemente, tornando-se mais bela e mais confortável. Com o crescimento de seu potencial de atividade, melhoraram, consideravelmente, todos os serviços tranviários e os de electricidade, pois bastará compará-los com os de outras cidades brasileiras para apreciar-lhes sua eficiência e seu aperfeiçoamento. Inegavelmente, Porto Alegre é uma das cidades do Brasil melhor servida de bondes e de iluminação elétrica. As duas fotografias que aqui estampamos dão uma ideia do que é, à noite, a capital rio-grandense, com seus efeitos deslumbrantes de iluminação. Sente-se dentro desta vibração de luminosidade intensa, palpitando na noite, a sinfonia de uma cidade moderna, culta e civilizada, transbordando de vida”.



Esta pagina define o progresso em meio século. Caxias – a pérola das colônias italianas, no dizer de Júlio de Castilhos – era há cinquenta anos o que se vê na gravura acima; hoje é o que se vê na photographia abaixo, que mostra a Praça Dante, seu principal logradouro, e um trecho da formosa avenida que tem o nome do grande estadista gaúcho acima citado. Dentro dessa cidade esplêndida da zona colonial vive um povo operoso e adiantado, atestando em incessante trabalho fecundo a grandeza do Rio Grande do Sul. Caxias é um dínamo que não para e é o centro formidável de indústrias soberbas e de produção de intensos reflexos econômicos, e após haver dado na recente exposição realizada em Porto Alegre o mais vivo atestado da sua pujança, dará em fins de fevereiro ou princípios de março a mais completa demonstração da sua grandeza com a sua Exposição Agrícola e Industrial e o seu 1.º Congresso Brasileiro de Viticultura e Enologia, por ocasião da ‘Festa da Uva’”.



Novo Hamburgo, que é um dos municípios mais prósperos do Estado, onde a indústria se desenvolve cada dia mais, é uma legítima glória dos colonos alemães e símbolo de trabalho. E de par com a produção, cresce também a cidade, que está assumindo já um aspecto moderno, e que vem recebendo dos poderes públicos os mais carinhosos e inteligentes cuidados. O Sr. Angelo Provenzano, prefeito desse rico município, não tem poupado esforços no sentido de elevar Novo Hamburgo ao grau de adiantamento que ele merece. E tem realizado importantes e oportunas obras públicas, traduzindo, numa administração eficiente e construtora, alta compreensão do cargo de que foi investido. Nessa página mostra, em cima, a fachada e uma vista interna do moderno Café Avenida, de propriedade do Sr. Eduardo Cramer; e, à esquerda, três aspectos da bela Avenida Pedro Adams, recentemente inaugurada, vendo-se num deles a Praça de Esportes 14 de Julho”.

REVISTA DO GLOBO. Porto Alegre, n. 78, jan. 1932³; n. 194, nov. 1936⁴.

O período do passado nem sempre esteve claro, mas sugere que na maioria das vezes as fotografias remetiam ao contexto do século XIX. Sob o título de Porto Alegre de ontem e de hoje, a *Revista do Globo* dedicou em algumas edições várias comparações visuais entre aspectos urbanizados da cidade, presentes na década de 1930, com aspectos de outras épocas, representando o mesmo espaço. Destaque para a substituição de carros puxados a cavalo pela presença de veículos elétricos, como o bonde e os automóveis, o calçamento do espaço de

³ Legenda: “Caxias de ontem e de hoje. Esta página define o progresso em meio século. Caxias – a pérola das colônias italianas, no dizer de Júlio de Castilhos – era há cinquenta anos o que se vê na gravura acima; hoje é o que se vê na fotografia abaixo, que mostra a Praça Dante, seu principal logradouro, e um trecho da formosa avenida que tem o nome do grande estadista gaúcho acima citado. Dentro dessa cidade esplêndida da zona colonial vive um povo operoso e adiantado, atestando em incessante trabalho fecundo a grandeza do Rio Grande do Sul. Caxias é um dínamo que não para e é o centro formidável de indústrias soberbas e de produção de intensos reflexos econômicos, e após haver dado na recente exposição realizada em Porto Alegre o mais vivo atestado da sua pujança, dará em fins de fevereiro ou princípios de março a mais completa demonstração da sua grandeza com a sua Exposição Agrícola e Industrial e o seu 1.º Congresso Brasileiro de Viticultura e Enologia, por ocasião da ‘Festa da Uva’”.

⁴ Legenda: “Novo Hamburgo moderno. Novo Hamburgo, que é um dos municípios mais prósperos do estado, onde a indústria se desenvolve cada dia mais, é uma legítima glória dos colonos alemães e símbolo do trabalho. E de par com a produção, cresce também a cidade, que está assumindo já um aspecto moderno, e que vem recebendo dos poderes públicos os mais carinhosos e inteligentes cuidados. O Sr. Angelo Provenzano, prefeito desse rico município, não tem poupado esforços no sentido de elevar Novo Hamburgo ao grau de adiantamento que ele merece. E tem realizado importantes e oportunas obras públicas, traduzindo, numa administração eficiente e construtora, alta compreensão do cargo que foi investido. Nessa página mostra, em cima, a fachada e uma vista interna do moderno Café Avenida, de propriedade do Sr. Eduardo Cramer; e, à esquerda, três aspectos da Avenida Pedro Adams, recentemente inaugurada, vendo-se num deles a Praça de Esportes 14 de Julho”.



veículos e pedestres, a presença de postes da iluminação pública, a substituição de casarões por edifícios, em alguns casos, e a presença de pessoas circulando na via pública.

A verificação do progresso das cidades também se fazia presente no interior do estado, inclusive mantendo, algumas vezes, a comparação entre o presente e o passado de um mesmo local (cf. figura 3). Porto Alegre deveria servir para as demais cidades do Rio Grande do Sul como centro inspirador do processo de reformulação do espaço urbano, de acordo com o que está presente nas fotografias que incitam visualmente esse sentimento de modernização. Dom Pedrito, por exemplo, foi apresentada como “a linda cidade fronteiriça que se estende e se moderniza dia a dia” (REVISTA DO GLOBO, 17/8/1929, p. 25). O processo de modernização também atingiu Novo Hamburgo (cf. figura 4). Segundo o periódico, seria este o “município mais próspero do estado, onde a indústria se desenvolve cada dia mais” (Id., 26/10/1929, p. 31). A cidade, que ficava a menos de duas horas da capital, em viagem de trem, seria ainda um “exemplo admirável de vitalidade da instituição municipalista, [que] ocupa um lugar de relevo no quadro das comunas nacionais” (Ibid.).

A cidade de Bagé, intitulada pela revista como “a princesa da campanha”, foi mencionada como “uma das mais impressionantes afirmações da beleza do solo gaúcho” (Id., 16/1/1932, p. 38); outras edições da revista, no mesmo sentimento propagandístico de transformações do espaço urbano, trazem títulos em conjuntos de fotografias como *São Leopoldo, orgulho do Rio Grande* (Id., 16/5/1934, p. 27), *Tapes progride* (Id., 1/12/1934, p. 48), *Canoas progride* (Id., 8/6/1935, p. 20), *O progresso do município de Vacaria* (Id., 25/3/1939, p. 42) e *Venâncio Aires, município progressista* (Id., 11/11/1939, p. 37), entre outros exemplos. As fotografias da cidade apresentavam-se nos mais variados formatos, tendo o fotógrafo tanto o ponto de vista ascensional quanto descensional, dependendo da noção de verticalização ou de expansão, respectivamente, que intencionava enquadrar. Cabe o destaque, ainda, das fotografias aéreas, caracterizadas como um elemento à parte dentro da categoria de cidades. Rosalind Krauss, em *O fotográfico*, menciona a característica diferenciada deste formato fotográfico, que se apresenta muitas vezes como um desafio de interpretação para aqueles que contemplam a fotografia vista do alto.

Não devemos esquecer que a fotografia aérea, assim como qualquer imagem fotográfica, é um registro da realidade, um traço de algo que apareceu no ângulo de visão da máquina: coisas diretamente impressas na emulsão de um filme, como o rastro de um passo na areia, segundo a lógica do índice (no sentido de Peirce). Entretanto, o que surpreende é que a vista aérea, ao contrário da maioria das outras fotografias, faz surgir a questão da interpretação, da leitura. Ou, pelo menos, torna o problema tão premente que



somos obrigados a conscientizarmo-nos dele. Não se trata simplesmente do fato de que, visto de muito alto, os objetos são dificilmente reconhecíveis – o que de fato e verdade – mas, em particular, de que as dimensões esculturais da realidade tornam-se muito ambíguas: a diferença entre saliências e ocas – o convexo e côncavo – se apaga. A fotografia aérea nos coloca diante de uma “realidade” transformada em texto, algo que precisa de uma leitura ou de uma decodificação. (KRAUSS, 2010, p. 101-102)

A decodificação da leitura de uma fotografia aérea, neste caso, remete à noção de desenvolvimento urbano, progresso ou, mais comumente usado, modernização. Na ausência de grandes prédios, outros signos ganham destaque, como, artefatos da iluminação pública, vias com circulação de automóveis ou bondes, entre outros. Há de se destacar também o espaço dedicado às personalidades políticas (que merecerá uma tipologia específica dentro do presente capítulo), cujas obras urbanas seriam atribuídas à sua gestão, mesclando a publicidade da cidade com a promoção da personalidade política, na maioria dos casos. Quando não mencionadas sob a forma textual, as fotografias de gestores públicos disputam espaço com as próprias fotografias das cidades, caracterizando uma visualidade complementar ao que está sendo mostrado do ponto de vista da organização do espaço urbano. A legenda complementa a fotografia, bem como as fotografias complementam-se umas às outras na distribuição diagramada de um conjunto de página que aborda uma mesma temática.

A manutenção do “progresso” urbano deveria passar necessariamente pelas relações de trabalho, pois sem seu emprego e mão de obra seria impossível que tais empreendimentos fossem efetivamente realizados. No entanto, cabe verificar como se manifestou uma tipologia que concerne ao espaço e relaciona-se com o mundo do trabalho. Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, recebeu grande destaque nas fotografias entre as cidades, conforme perceptível nas edições de 1929 a 1939 da *Revista do Globo*. Não é surpresa, desta forma, que as fotografias que remetem à esfera do trabalho estejam presentes, em maior quantidade, nos espaços da capital sul-rio-grandense. Feitas estas considerações, destaca-se a partir de agora a categoria das paisagens culturais intencionalmente concebidas e criadas, cujas representações fotográficas permitiram a revalorização social de ambientes naturais, incluindo-os no rol de conteúdos que compuseram a cultura visual do supracitado período histórico.

Paisagens culturais, paisagens da história

Foi com o impulso do espírito da modernização urbana que a *Revista do Globo* apresentou algumas das paisagens culturais de Porto Alegre. Para as fotografias que tiveram como temática as referidas imagens geralmente se estava associado o discurso textual da cidade.



Segundo Charles Monteiro (1995, p. 113), no livro *Porto Alegre: urbanização e modernidade*, a Comissão de Obras Novas, nomeada e pelo então prefeito Otávio Rocha, foi responsável por uma série de transformações na paisagem cultural da capital sul-rio-grandense. Segundo o autor, “existia uma Seção de Embelezamentos encarregada de propor novos ajardinamentos e praças. O incremento do Viveiro e do Horto Municipal forneceria flores, plantas ornamentais, arbustos e árvores para os serviços de ajardinamento e e arborização das praças e vias públicas”. Interessante observar que o processo de embelezamento da cidade consistia na intervenção dos órgãos municipais naquilo que se consistia na própria paisagem cultural da cidade.

Figura 5 – A paisagem do morro já tomada pela conjugação da ação do homem na natureza



REVISTA DO GLOBO. Porto Alegre, n. 4, fev. 1929⁵.

Tratava-se de estabelecer uma ordenação no próprio espaço da cidade, fazendo com que ela não se tornasse um lugar somente exaltado pela presença de edificações, mas também de uma natureza domesticada, que em alguns casos chegava a se aproximar do artificialismo completo. Tratava-se “de ordenar os espaços verdes e de lazer cortando árvores antigas e criando ‘jardins à inglesa’” (MONTEIRO, 1995, p. 114), buscando a sobreposição de uma



cidade do passado, que cada vez mais reivindicava a transformação e a remodelação de acordo com os princípios modernos. A contribuição visual proporcionada pela *Revista do Globo*, neste sentido, consistiu em dar visibilidade a estas modificações do espaço urbano, conotando a ideia de que a paisagem cultural, modificada pela intervenção do homem, também se caracterizada como um produto da modernidade. Pelas fotografias percebia-se uma efetiva modificação dos espaços da cidade de Porto Alegre, com destaque especial para as áreas centrais e arredores próximos.

A edição número 4 de fevereiro de 1929 trouxe em algumas de suas páginas fotografias que estavam ordenadas diagramaticalmente sob o título de *Aspectos urbanos*. Em uma das imagens, publicada na página 14 (cf. figura 5), é possível visualizar a escolha do fotógrafo por uma perspectiva ascensional da imagem, ou seja, que revela o seu conteúdo de baixo para cima, criando a noção de uma obra grandiosa em seu tamanho. A imagem fotográfica mostrava a escadaria criada no espaço que seria o antigo Morro da Formiga, na continuação com a Rua General João Manuel, que fazia a ligação, desta vez efetiva para os pedestres, entre os pontos alto e baixo da cidade. A intencionalidade de mostrar a grandiosidade do produto resultante da intervenção da administração pública colocou os vestígios da natureza, antes predominantes na paisagem, às margens do enquadramento. Ao centro da fotografia encontra-se o assunto principal da imagem, informando visualmente a ocupação do espaço como resultado do processo de urbanização de Porto Alegre. Em algumas páginas anteriores a esta fotografia foi possível encontrar o discurso do periódico, sem autoria específica, que endossava o seguinte sentimento.

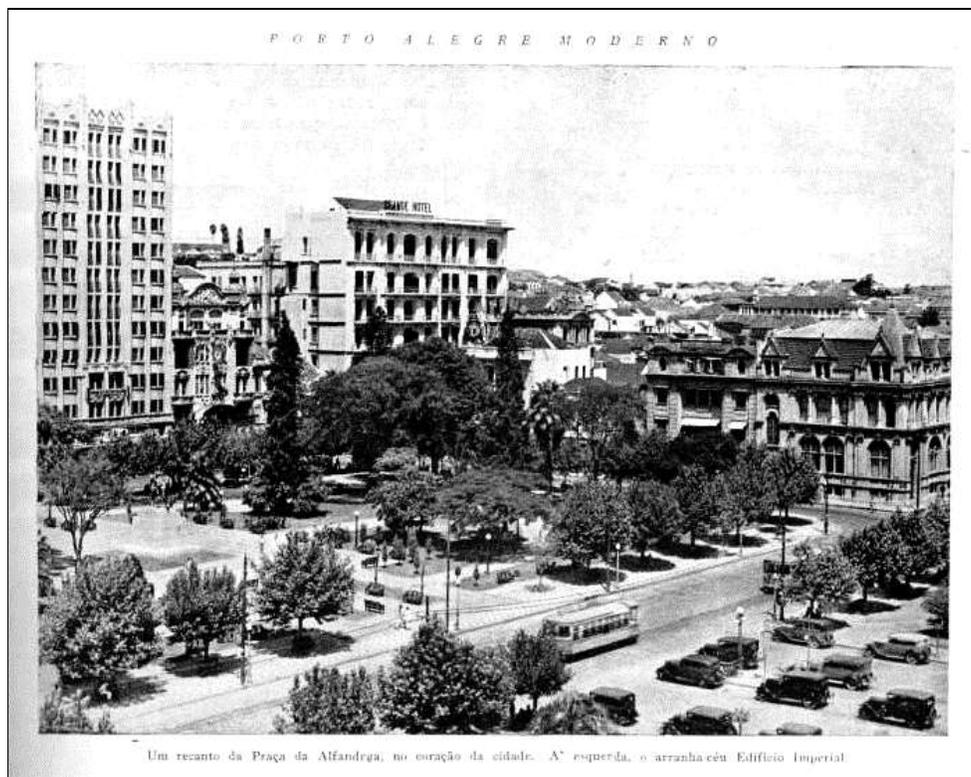
Porto Alegre se transforma. Nunca o velho chavão, gasto pela nossa vaidade, teve oportunidade maior. Porque agora não é o nosso legítimo desejo de desenvolvimento e de progresso que fala. São os fatos, é a vida da cidade que grita e brada à rosa dos ventos: Porto Alegre se transforma. É inútil lembrar aqui o que tem sido feito em prol da cidade nestes últimos anos mais próximos. A nenhum rio-grandense pode ter passado despercebida a febre da renovação e progresso. E a cidade aí está, com aspectos inteiramente novos, a atestar, com eloquência, a metamorfose que vem sofrendo. Ao lado, porém, desses surtos magníficos de aformoseamento e realizações urbanísticas, muita velharia subsiste, que está a clamar pela energia e pela picareta demolidora da Municipalidade. É evidente que quando dizemos “velharias” não queremos nos referir aos poucos documentos coloniais que possuímos, e que pensamos, deviam ser restaurados a fim de serem carinhosamente conservados. (...) Velharias são os fantasmas de Porto Alegre- aldeia, os tristes aspectos da

⁵ Cabeçalho: "Dois lindos aspectos urbanos". Legenda: "O belvedere do antigo morro da Formiga, em continuação à Rua General João Manuel, e que liga a cidade alta à cidade baixa".



cidade de ontem e que nos deparam a cada passo, mesmo no coração da capital. (REVISTA DO GLOBO, 16/2/1929, p. 7)

Figura 6 – Vista da Praça da Alfândega, localizada bem ao centro da cidade de Porto Alegre



REVISTA DO GLOBO. Porto Alegre, n. 169, set. 1935⁶.

A cidade que clama, segundo o texto da revista, “pela energia e pela picareta da Municipalidade” endossa a valorização do processo de urbanização pelo qual passava a cidade de Porto Alegre nos primórdios da década de 1930. A natureza assumia um aspecto secundário, tendo como maior função a ornamentação, que deveria, por sua vez, estar em harmonia com as construções que vinham sendo realizadas no espaço da urbe. Na edição de número 31, de 13 de abril de 1930, sob o título de *Porto Alegre moderno: importantes construções de uma firma nacional*, a revista endossava mais uma vez que “em Porto Alegre, cidade que aumenta de importância dia-a-dia, o número das novas construções é assombroso. Edificar é renovar e engrandecer” (REVISTA DO GLOBO, 13/4/1931, p. 27). Combatia-se o que o periódico denominou como “pardieiro”, ou seja, “moradia anti-higiênica de poucas pessoas”, em prol das grandes construções. O sentimento de modernização urbana da época, pelo que se percebe, não

⁶ Cabeçalho: "Porto Alegre moderno". Legenda: "Um recanto da Praça da Alfândega, no coração da cidade. À esquerda o arranha-céu Edifício Imperial".



se fazia rogado em elogiar a demolição de paisagens culturais antigas visando a imposição da construção do novo.

O processo de modernização presente no discurso textual também se materializava no discurso visual da *Revista do Globo*. Em algumas fotografias o processo de ajardinamento da cidade foi a temática acolhida para a representação visual, mas se percebe que este quase sempre se caracterizou como um assunto transversal a própria urbanização da cidade. Vê-se, por exemplo, a fotografia publicada em setembro de 1935 (cf. figura 6). Mesmo tendo a Praça da Alfândega como o ponto principal do discurso da imagem, apreendida sob o ponto de vista descensional, a legenda – recurso pedagógico da fotografia – faz com que o consumidor da imagem também preste atenção no chamado Edifício Imperial, caracterizado como “arranha-céu” na cidade. Há elementos centrais na imagem, caracterizados pela ordenação sincrônica das árvores, e da delimitação dos caminhos criados ao centro da praça, mas mesmo assim chama-se a atenção para o elemento à margem. Não mencionados, mas visíveis no fotográfico, bondes, automóveis e postes de luz caracterizam-se como demais símbolos deste sentimento moderno.

Em *Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos*, lembra Leonardo Castriota (2009, p. 39) que “se a ligação que a tradição estabelece entre o passado e o presente é complexa, tendo a própria tradição (...) uma dimensão dinâmica, essa dimensão vai passar a ser predominante com o advento da chamada modernidade”. Neste sentido, “a lógica da cultura passa a ser a da própria mudança, da substituição incessante de valores e modelos” (Ibid.). É neste caminho de interpretação que as fotografias da *Revista do Globo*, que possibilitam uma leitura sobre a paisagem cultural histórica no Rio Grande do Sul, com destaque a sua capital, permeiam um incessante discurso sobre a modificação da cidade. Em artigo de setembro de 1939, sob o título de *A remodelação de Porto Alegre*, e com uma imagem cartográfica obtida junto ao projeto do Plano Diretor da cidade, acompanhada por um conjunto de fotografias aéreas (cf. figura 7), o discurso visual sobre a modernização urbana obtém novo destaque no periódico. O registro de imagens de uma Porto Alegre vista de cima foi atribuído ao fotógrafo Santos Vidarte, em um dos raros momentos do período em que a autoria das imagens é mencionada. A importância da fotografia para a representação de uma narrativa sobre a paisagem cultural da cidade é mencionada pelo próprio periódico, no texto que introduz a sequência de fotografias publicadas em quatro páginas. Diz a revista que:

Mais do que a simples fotografia de uma cidade bonita, esta reportagem quer espelhar o grande movimento de reurbanização iniciado em boa hora pelo



prefeito Loureiro da Silva, desde os primeiros dias de seu governo municipal. Com a grandeza do vocabulário português, poderíamos conseguir uma centena de adjetivos para qualificar a administração profícua do prefeito Loureiro da Silva. Mas não nos é necessário apelar para o vocabulário; basta, em troca, que o leitor observe as fotografias desta reportagem e leia suas legendas, para aderir de corpo e alma àquela multidão que, há poucos dias, reuniu-se à frente da Prefeitura, homenagenando o ilustre homem público. Loureiro da Silva continua a grandiosa obra de Otávio Rocha. Mas com uma orientação digna de maior registro, resolvendo os problemas mais urgentes, com a relativa facilidade que sua energia inquebrantável lhe proporciona. (REVISTA DO GLOBO, 16/9/1939, p. 65)

Figura 7 – Porto Alegre vista do alto, em fotografia aérea, conotando visualmente a ordenação do espaço



A expansão dos tanques hidráulicos e as canalizações e escoamentos nos arrabaldes

REVISTA DO GLOBO. Porto Alegre, n. 259, set. 1939.

O que se percebe como elemento presente nas narrativas criadas pelos editores da *Revista do Globo* é a associação constante das ações de intervenção sobre o patrimônio cultural a um tom elogioso sobre personalidades políticas, revelando os perfis ideológicos da publicação. Tendo a fotografia aérea como o próprio símbolo da modernidade, representado pelo avião, tem-se uma potencialização estética da paisagem, como na fotografia que mostra a expansão dos tanques hidráulicos, no bairro Moinhos de Vento. A paisagem cultural assume contornos geométricos que sintetizam a ideia de ordenamento urbano e harmonização entre a



natureza e as edificações da cidade. Por outro lado, uma efetiva ausência da imagem de pessoas ocupando estes espaços caracteriza uma representação visual ainda mais límpida, no sentido da caracterização de seus delineamentos. Por outro lado, quando se verifica uma representação fotográfica da cidade sem maiores vestígios de urbanização (cf. figura 8), a imagem recebe a significação de conteúdos pitorescos. Parece querer se aproximar mais de uma estética pictorialista do que emanar alguma narrativa específica sobre a cidade.

Figura 8 – A ausência visual do urbano como pitoresco, em fotografia do Parque da Redenção



REVISTA DO GLOBO. Porto Alegre, n. 183, mai. 1936⁷.

A fotografia do Parque da Redenção, apesar de estar próxima à área central de Porto Alegre, sustenta a ausência de vestígios da modernização. Neste caso, a paisagem cultural aproxima-se mais de uma representação que se quer artística, quase poética visualmente, do que pedagógica ou informativa. Segundo Solange Ferraz de Lima e Vânia Carneiro de Carvalho (1997, p. 101), no livro *Fotografia e cidade*, “muitos dos recursos utilizados nos albums da década de 1950 são parte do repertório da linguagem moderna da fotografia, que tem seus precursores mais remotos ainda no século XIX”, tendo suas matrizes visuais mais diretas situadas nas produções europeias e norte-americanas do início do século XX. Ou seja, caberia

⁷ Texto: “Porto Alegre pitoresco. Um recanto do Parque da Redenção”.



um estudo comparativo das formas de representação da paisagem cultural a partir de outras revistas estrangeiras para se constatar empiricamente estas semelhanças.

Se, como afirma Carlos Fernando Delphim (2009, p. 171), no texto *O patrimônio natural do Brasil*, “a paisagem é uma chave para a compreensão do mundo” e “a paisagem cultural testemunha diferentes fases de uma indissociável relação da história humana”, as fotografias históricas destas paisagens apresentam-se, portanto, como janelas específicas para a representação de experiências sociais do passado. Neste caso, caracterizam-se como paisagens intencionalmente concebidas a partir da intervenção de projetos municipais urbanísticos, como foi o caso de Porto Alegre, na década de 1930. No entanto, será que isto é suficiente para se compreender melhor a sociedade? Deixa-se a questão em aberto.

Considerações finais

As paisagens da cidade, assim como de seus jardins e parques enquadrados pelas lentes fotográficas, cujo produto se fez publicado nas páginas da *Revista do Globo*, não podem ser consideradas, nos meandros de sua criação, apenas em suas circunstâncias estéticas. Há também de se considerar os elementos culturais que definiram os limites da esfera do visível (conforme os preceitos apresentados por MENESES, 2005, p. 36) e que se inscrevem tanto nas formas de representação da urbe, vivenciada no cotidiano, quanto na sua representação visual, caracterizada por dispositivos que, com o passar dos anos, contribuíram para a constituição da própria memória coletiva. Nos termos de uma perspectiva histórica da paisagem cultural, o estudo colabora para uma reflexão mais apurada não somente sobre as formas de representação de bens culturais conjugados entre o homem e a natureza, mas também para a percepção sobre a elaboração de narrativas, usos e funções que a sociedade fez destas paisagens, registradas, por sua vez, em vestígios visuais.

O discurso da modernidade urbana, no entanto, sobrepõe-se à própria valorização da paisagem cultural, especialmente em Porto Alegre, durante a década de 1930. Segundo os *Textos fundamentais da Convenção do Patrimônio Mundial* (2005, p. 106), “a expressão ‘paisagem cultural’ abarca uma grande variedade de manifestações interativas entre o homem e o seu ambiente natural”. No caso das fotografias da *Revista do Globo*, especialmente durante o período histórico supracitado, é possível perceber a eleição de quais foram os espaços da cidade privilegiados pela seleção, tendo-se a visibilidade destas manifestações interativas evidenciadas pelos discursos elogiosos da transformação permanente da cidade, atribuindo-se



quase à invisibilidade uma possível beleza natural propiciada pela paisagem biológica da cidade. Em meio a jardins e praças, partes constitutivas dos espaços da cidade, priorizou-se a pedagogia do olhar sobre os aspectos urbanos, caracterizando a história de uma sociedade que se queria fazer representada como ordenada e, enfim, moderna.

Referências bibliográficas

- BELLAVANCE, Guy. Mentalidade urbana, mentalidade fotográfica. **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro, vol. 3, p. 17-29, 1997.
- CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio cultural**: conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.
- DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. O Patrimônio natural do Brasil. In: FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A.; RAMBELLI, Gilson (org.). **Patrimônio cultural e ambiental**: questões legais e conceituais. São Paulo: Annablume; Campinas: Nepam, 2009, p. 167-186.
- KRAUSS, Rosalind. **O fotográfico**. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.
- LIMA, Soange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografia e cidade**: da razão urbana à lógica de consumo – Álbuns fotográficos de São Paulo (1887-1954). Campinas: Mercado das Letras, 1997.
- MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. **Fotografias da vida social**: identidades e visibilidades nas imagens publicadas na Revista do Globo (Rio Grande do Sul, década de 1930). 290 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2011.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Rumo a uma “história visual”. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Caiuby (org.). **O imaginário e o poético nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 2005, p. 33-56.
- MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre**: urbanização e modernidade – A construção social do espaço urbano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- POSSAMAI, Zita Rosane. **Cidade fotografada**: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930. Vol. 1, 287 f. Tese (Doutorado em História) -- Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005.
- REVISTA DO GLOBO. Porto Alegre, n. 1 a 266, jan. 1929 a dez. 1939. Acervo digitalizado e disponível em DVD-ROM.
- TEXTOS FUNDAMENTAIS DA CONVENÇÃO DO PATRIMÔNIO MUNDIAL DE 1972. Paris: UNESCO, edição 2005. Disponível em <<http://whc.unesco.org/uploads/activities/documents/activity-562-1.pdf>>. Acesso em 20 out. 2012.

*Recebido em Agosto de 2013.
Aprovado em Setembro de 2013.*